

AS NARRATIVAS E OS DIÁRIOS DE FORMAÇÃO: CAMINHOS POSSÍVEIS NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Elizangela Fernandes Martins (UFPI – PPGEd)¹

felizangela10@yahoo.com.br

Lilia Cristiana Lopes de Carvalho (UFPI – PPGEd)²

lilialopes05@gmail.com

MileneMartins (UFPI – PPGEd)³

martinsmilene@ig.com.br

Maria Vilani Cosme de Carvalho (UFPI – PPGEd)⁴

vilacosme@ufpi.br

Resumo

Esta pesquisa faz parte de um estudo, atualmente em andamento, vinculado ao Mestrado em Educação da Universidade Federal do Piauí e tem como objetivo fazer uma revisão bibliográfica através dos principais autores que abordam as narrativas como metodologia de pesquisa em educação, enfatizando principalmente os diários como instrumento de pesquisa. Os autores que referenciaram este estudo foram Novóia (1992), Souza (2006, 2008), Souza (2007), Ferrarotti (1988), Bueno (2006), Josso (2004) e Zabalza (2004). A análise das idéias desses autores nos levou a entender que as narrativas permitem interpretar e refletir sobre práticas profissionais, abordando aspectos subjetivos sem perder de foco a cientificidade do processo. Esse trabalho traz em seu corpo teórico, a possibilidade de compreender as narrativas como metodologia que permite através das reflexões sobre as histórias de vida, autobiografias e diários dos professores, mediar significados e sentidos da prática, constituindo um importante instrumento para análise e construção de novos modelos educacionais. Os diários de formação são recursos metodológicos que podem ser utilizados em diversos segmentos da pesquisa em educação, desde os níveis básicos até o ensino superior.

.Palavras-chave: Pesquisa Narrativa. Diário. Educação

Abstract

This research is part of a study currently underway, linked to the Master of Education, Federal University of Piauí and aims to review existing literature by major authors who approach the narratives as a research methodology in education, highlighting how the

¹Pedagoga. Professora da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina/PI

² Pedagoga da Secretaria Municipal de Educação de Teresina. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina/PI

³ Psicóloga. Professora da Faculdade Integral Diferencial (FACID). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. (UFPI). Teresina/PI

⁴ Doutora em Psicologia da Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina/PI

diaries research tool. The authors have referenced this study were Novoa (1992), Souza (2006, 2008), Souza (2007), Ferrarotti (1988), Bueno (2006), Josso (2004) and Zabalza (2004). The analysis of the ideas of these authors led us to understand that narratives allow us to interpret and reflect on professional practice, addressing the subjective aspects without losing focus of the scientific process. This work brings in its theoretical framework, the ability to understand the narrative as a methodology through reflections on the life histories, autobiographies and diaries of teachers, mediate, significance and meanings of the practice as an important tool for analysis and construction of new educational models. The daily training are methodological tools that can be used in various segments of education research, from basic levels to higher education.

Keywords: Narrative Research. Diary. Education

Notas Introdutórias

O cotidiano humano é marcado pela troca de experiências, pelas narrativas que ouvimos, falamos e pelas formas como contamos as histórias vividas. O homem é um contador de história, relata fatos, situações, cria e reinventa acontecimentos. Tem a comunicação como uma necessidade vital e se faz homem pela interação com outros homens. Pela prática da oralidade e da escrita, o homem foi anotando informações, colhendo dados, registrando emoções, sentimentos, fatos significativos que marcaram sua existência.

Atualmente, escrever sobre o que se faz e o que se sente, tornou-se um recurso de pesquisa para se analisar e avaliar o cotidiano social e a prática profissional. E, nesta perspectiva, as narrativas, principalmente na área da educação se tornaram um recurso metodológico para a reflexão do fazer pedagógico e possibilidade de ressignificação da própria ação. Para tanto, a metodologia das narrativas permite pelo emprego de vários instrumentos de construção de dados, como os diários, as cartas pedagógicas, os memoriais, os estudos (auto) biográficos, resgatar e compreender a história de vida pessoal e profissional, bem como interpretar as experiências docentes, a partir do relato dos protagonistas, os educadores.

Na perspectiva de abordar a subjetividade humana, como requisito à prática docente, o presente trabalho pretende realizar uma revisão bibliográfica sobre as narrativas, como referencial teórico-metodológico à pesquisa para a formação docente, dando ênfase ao recurso de elaboração de diários como instrumento de pesquisa em educação.

As abordagens biográficas ganharam impulso e divulgação a partir de 1978 na Polônia e nos Estados Unidos, tornando-se referência na produção científica nas ciências sociais, tendo desde sua origem um pluralismo de termos: histórias de vida, história oral, relato de vida, (auto) biografia, dentre outras definições (SOUZA, 2007).

A utilização das histórias de vida no campo da pesquisa é recente. E no campo da pesquisa educacional, vem se tornando referência pesquisas sobre a história de vida do professor, estabelecendo um movimento de ascensão na literatura e na própria valorização do professor como construtores de suas histórias profissionais e de formação.

André (2006) ressalta que a partir das décadas de 80 e 90 no Brasil, as pesquisas de cunho qualitativo são ampliadas, envolvendo diferentes procedimentos e técnicas para esse tipo de pesquisa. Essas transformações na pesquisa em educação evidenciam uma visão que passa a estar centrada no sujeito, como um produtor de conteúdos e não só como consumidor ou expectador das pesquisas em educação.

Portanto, é cada vez mais crescente a utilização de autobiografias, histórias de vida, biografias educativas e dos diários de formação, como instrumento de pesquisa em educação.

Narrar também é pesquisar

Reconstruir a própria experiência, organizar as idéias para os relatos (oral ou escrito) e refletir criticamente acerca da prática e da formação, caracterizam as narrativas como uma metodologia histórico crítica.

Bueno (2006) relata que o método das narrativas como recurso de investigação científica na área da educação, utilizando as histórias de vida e estudos autobiográficos, ganhou impulso no Brasil a partir da metade da década de 1990, decorrente de alguns fatores como: o fomento da discussão em relação à formação do professor e sua profissionalização, que antecedeu a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96); a influência das reformas educacionais que estavam acontecendo na América Latina naquele período, que destacavam o papel central dos professores na construção da nova escola; as publicações na área, em especial a de Antonio Nóvoa, intituladas Vida de professores e Profissão professor, publicados em 1995, que tiveram grande repercussão no meio educacional.

Este panorama social, cultural, político e científico influenciou diretamente nas pesquisas de pós-graduação, que aumentaram consideravelmente os trabalhos dentro da temática das histórias de vida de professores, bem como houve um aumento significativo de trabalhos apresentados em eventos como as reuniões científicas da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação e os congressos da ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino.

Tais acontecimentos contribuíram para fomentar a pesquisa educacional sob vários aspectos, sobretudo no que diz respeito à pesquisa e à formação de professores, fazendo aflorar o interesse por questões e temáticas novas, tais como as que se configuram nos estudos sobre profissão, profissionalização e identidade docente (BUENO, 2006).

Segundo Souza (2007) a utilização da história de vida e de formação dos professores nas pesquisas em educação colaboraram para quebrar o paradigma cartesiano e positivista dos métodos quantitativos utilizados até então. Essas novas perspectivas de pesquisa significaram um avanço considerável, pois os professores deixaram de ser vistos como executores de técnicas de ensino ou portadores de histórias, sem interação com o contexto científico e social, e se tornaram protagonistas nos debates educativos e nos processos investigativos.

Dentro desta perspectiva teórica, as narrativas permitem ao pesquisador um processo de investigação qualitativa, que reflete a própria experiência, acompanhado da trajetória de vida, de suas representações da realidade, de seus significados e reinterpretações. Possibilita ainda uma investigação científica, numa proximidade com aspectos subjetivos individuais e/ou coletivos, mas sem perder o viés científico da investigação. Portanto, a narrativa tem um olhar individualizado dos fenômenos, caracterizando sua qualidade holística.

Ferrarotti (1988) ressalta as características essenciais da subjetividade e da historicidade, numa razão dialética capaz de compreender a ação que rege a interação entre o indivíduo e a sociedade. A pesquisa narrativa que tem como instrumento de construção de dados as histórias de vida, por meio dos relatos orais ou escritos, viabiliza aos pesquisados destacar situações, não relevar outras, reforçar influências, lembrar, esquecer, reviver emoções e sentimentos, que nenhuma outra metodologia permite com tal intensidade.

As abordagens biográficas ganharam impulso e divulgação a partir de 1978 na Polônia e nos Estados Unidos, tornando-se referência na produção científica nas

ciências sociais, tendo desde sua origem um pluralismo de termos: histórias de vida, história oral, relato de vida, (auto) biografia, dentre outras definições. (SOUZA, 2007)

Bueno (2006) em pesquisa documental realizada com teses, dissertações, livros e artigos científicos elaboradas entre 1985 e 2003 nomeou uma lista de denominações usadas pelos autores relacionados com história de vida, como: memória(s), lembranças, relatos de vida, depoimentos, biografias, biografias educativas, diários de vida, memória educativa, história oral de vida, história oral temática, narrativas, narrativas memorialísticas, método biográfico, método autobiográfico, método psicobiográfico, perspectiva autobiográfica.

Ficou evidenciado nessa pesquisa que as imprecisões terminológicas que persistem no conjunto das produções, se devem por duas razões interligadas: primeiro, devido à enorme diversidade de expressões empregadas, muitas das quais utilizadas como sinônimos, como se houvesse um consenso a esse respeito. Depois, pelo fato de haver uma desconsideração pela própria história das histórias de vida, suas origens, seus avanços, seus recuos, bem como sobre as concepções e os usos que delas se fazem hoje em diferentes campos – na história, sociologia, antropologia, psicologia, literatura, além de outras. Disso resulta que os pressupostos das perspectivas adotadas nos trabalhos nem sempre se fazem explícitos, ao contrário, aparecem muitas vezes ambíguos e até contraditórios (BUENO, 2006).

Para Souza (2007) os diferentes nomes atribuídos às narrativas e ao método biográfico se devem ao pluralismo metodológico das ciências sociais e educacionais, podendo gerar discussões polêmicas sobre terminologias e prejudicando a consolidação do método como recurso investigativo.

Mas para Ferreira (2006), esse enfoque teórico-metodológico rompe com o paradigma lógico-formal, e por focalizar aspectos subjetivos da vida dos indivíduos em seus movimentos individuais e coletivos, como um *locus* privilegiado de compreensão dos processos sociais e históricos, é natural que gere diversidade de nomes, conceitos e bases epistemológicas. Não se reduz a uma técnica de recolhimento de dados ou de informações, mas também não se afirma como uma teoria ou ciência isolada, colocando-se, por sua natureza, na mediação entre a prática da investigação e a construção de conhecimentos, em uma abordagem multireferencial que vai possibilitando a inteligibilidade dos processos humanos.

Nessa abordagem, questiona-se a objetividade extremista dos positivistas e sinaliza a relevância da experiência dos professores e das interpretações como elemento

de compreensão da realidade. O poder de abstração e cientificidade do pesquisador deve conduzi-lo a interpretações da realidade vivenciada nas situações de prática pedagógica e formação, respeitando os relatos, a linha de raciocínio e reflexões estabelecidas. (FERREIRA, 2006)

Como expressa Albuquerque Junior (2007), a narrativa, a linguagem, a relação do homem com o mundo são os recursos fundamentais para que o historiador faça o trabalho de mediação e de tradução do vivido. O presente interroga o passado e o conecta com a nossa vida, isto é, o pesquisador ao resgatar a história de vida do pesquisado, rememora também sua história. Da mesma forma o pesquisado, que ao narrar tem a oportunidade de refletir sobre sua trajetória, suas escolhas do passado, a partir do presente, numa perspectiva autobiográfica.

Para André (2006), o olhar do pesquisador era sobremaneira o de um sujeito “de fora”, que analisava a educação sem compreender que era também um educador. Com o advento das narrativas de formação houve uma valorização do “olhar de dentro” (p.17), fazendo surgir uma gama de trabalhos em que se analisa a experiência do pesquisador ou que o mesmo desenvolve a pesquisa, na área educacional, em colaboração com os participantes.

Vivenciar a dialética na realidade, segundo Ferreira (2006), assumida numa perspectiva sócio-histórica, permite as narrativas um mergulho subjetivo na realidade pesquisada. Entretanto, é necessário algum tempo até perceber que as histórias de vida, os relatos de experiências, as contradições e conflitos do cotidiano constituem-se um campo vasto de pesquisa em Educação.

Para as narrativas as experiências produzem discursos e estes por sua vez constroem uma nova experiência, isto é, internaliza e reelabora outras dimensões relacionando objetividade/subjetividade, individual/coletivo. Referimo-nos a essa dialética, ao movimento constante de múltiplas influências do social e histórico. (FERREIRA, 2006)

Para Burnier (2007) o interesse por estudos que enfatizam o professor e não somente suas práticas de ensino ou competências técnicas, direcionam o olhar para a importância de se compreender as representações e valores construídos por este profissional acerca da profissão docente, na interface entre a dimensão pessoal e profissional.

As narrativas, para Cunha (1997), indicam não somente um recurso de pesquisa, mas também de ensino. Trabalhar com as narrativas na pesquisa e/ou no

ensino é partir para construção/desconstrução das experiências do professor. Essa metodologia contribui significativamente para o processo de reflexão da prática. Schön (1987) apresenta os pressupostos teóricos de que o ensino sendo uma atividade crítica e uma prática social desenvolverá também um docente crítico e reflexivo, que investiga a partir e sobre a própria prática.

O professor ao vivenciar sua subjetividade pelas narrativas é capaz de se perceber como construtor de sua história e de seu processo de formação. Na vivência cotidiana de seu trabalho, nem sempre o educador age conforme seus ideais, suas opiniões; ele é envolvido como, afirma Foucault (1996), numa “teia de poder” que é a escola e num movimento espiral repete ações sem refletir sobre elas e sem atribuir-lhes significados.

Josso (2004) afirma que essa repetição de ações que parecem por vezes naturais, não é analisada ou percebida, mas, tornam-se possíveis de análise através das leituras dos relatos. As narrativas vistas por esse prisma sinalizam para as possibilidades de reflexões que o professor pode construir a cerca de sua formação ou prática docente, teorizando sobre o que antes lhe parecia comum ao cotidiano de suas ações e num olhar crítico-reflexivo pode apresentar respostas, questionamentos e esclarecimentos sobre o seu fazer pedagógico.

Sobre essa questão Cunha (1997), Bragança (2008) corroboram com o ponto de vista de que as narrativas provocam mudanças na forma de compreensão de si e do outro, pois são produtoras de conhecimento individual e coletivo. E ao tomar distância no ato de narrar, potencializa os movimentos de reflexão do professor, mas não só isso, a possibilidade de teorizar sobre a própria experiência.

Burnier (2007) coloca que dar voz aos professores pelo relato de sua história de vida implica considerar seu percurso pessoal na construção de sentidos para a docência, confirmando a afirmação de Nóvoa (1992, p. 7), “não é possível separar o eu pessoal do eu profissional”. Nesse processo de reflexão sobre seu percurso de vida o professor manifesta sua subjetividade e interpreta suas ações no plano individual e coletivo, na busca de significados para construção de sua identidade profissional. Nesse sentido, o método narrativo possibilita ao docente, pelo relato de suas histórias de vida, revelar seus anseios e expectativas ante a profissão docente e a própria vida.

Relatar fatos vividos, reconstruir uma trajetória, constitui-se um campo vasto da pesquisa com histórias de vida. Novos significados são atribuídos a situações de sua realidade, quer profissional quer pessoal. Cunha (1997) esclarece que as

narrativas não são verdades literais, mas, uma representação própria da realidade construída a partir da visão do sujeito, porém podem ser transformadoras.

De acordo com Souza (2008), o recurso de contar as histórias de vida e as narrativas de formação dos professores, possibilita resgatar a escola como um lugar privilegiado de memórias, e ao fazer este resgate, o professor está não só preservando o que foi feito, mas podendo refletir sobre esse fazer e visualizar novas perspectivas da prática pedagógica.

Para Bueno (2006) a pesquisa narrativa passa a ser valorizada pela sua contribuição ao entendimento de especificidades da vida escolar, do exercício da profissão docente, da construção de representações e relações com a escola e o conhecimento, daí sua relevância no campo educacional, sendo uma metodologia importante também no campo das pesquisas sobre a identidade profissional.

Segundo Brzezinski (2002), a constituição da identidade é um processo contínuo, inserido na história do indivíduo, na relação entre sua vida pessoal e profissional, expressas através das suas características de personalidade e na interação social com as outras pessoas. Para autora e entre outros que abordam o tema, é imprescindível fazer também uma reflexão sobre a identidade docente ao se trabalhar com as narrativas, pois é necessário a tomada de consciência da identidade e o sentido colocado na escolha da profissão, para poder refletir a prática no cotidiano pedagógico.

As narrativas exigem do pesquisador atenção aos detalhes. A possibilidade do envolvimento afetivo não deve influenciar nas análises dos dados construídos a partir do uso desta metodologia. Ter bem definidos os objetivos da pesquisa evita que o investigador fuja do foco. Uma discussão com os sujeitos das narrativas pontuando os aspectos que são relevantes a pesquisa é um exercício interessante. A respeito disso Josso afirma:

[...] as narrativas não têm em si poder transformador, mas, em compensação, a metodologia de trabalho sobre a narrativa de vida pode ser a oportunidade de uma transformação, segundo a natureza das tomadas de consciência que aí são feitas e o grau de abertura à experiência das pessoas envolvidas no processo. (2004, p.153)

Nesta perspectiva, Nóvoa apud Souza (2007) reforça que as narrativas das histórias de vida e de formação tem um caráter de “(re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos

seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida” (p.25).

As narrativas utilizadas nas pesquisas sobre educação apresentam instrumentos variados, como historias de vida, cartas pedagógicas, memorial de formação, diários de formação dentre outros. Entretanto neste trabalho focaremos nos diários de formação por percebê-lo como um instrumento de intenso potencial reflexivo para o docente.

Diários de formação: Instrumentos reflexivos na prática docente

Escrever diários é um fato antigo, e da mesma forma como prática de pesquisa os diários foram recursos utilizados por filósofos, jornalistas, médicos e outros estudiosos, já há muito séculos. Mas, como recurso de pesquisa na área educacional é algo recente, e foi o espanhol Miguel Zabalza que consagrou numerosos trabalhos ao diário na formação de professores (HESS, 2006).

Hess (2006) faz um detalhamento da forma de escrever um diário e os diferentes destinos dados a este instrumento de narração. O diário é um escrito do momento, expressa a percepção pessoal do autor sobre o presente e está carregado de sentimentos, da espontaneidade do vivido e da parcialidade de um julgamento. Diferente de uma carta, que é destinada a outra pessoa, o diário é uma escrita pessoal. Por ser uma redação do momento, o diário é uma escrita de fragmentos. O que naquele espaço de tempo chamou atenção ou marcou o autor é o tema do diário, portanto é também uma escrita transversal, pois mesmo tendo um tema central, não impede outros registros. Como expressa o autor,

o objeto de uma anotação do dia a dia pode ser um pensamento, um sentimento, uma emoção, a narração de um evento, de uma conversa, de uma leitura, etc. Deste ponto de vista, o diário possui objetos diversificados nos registros múltiplos. Ele é tão diverso por natureza. Mais que todas as outras formas de escrito, ele explora a complexidade do ser (2006, p. 92)

Para Zabalza (2004) os diários, especificamente os de formação, são documentos em que os professores anotam as suas impressões sobre o que vai acontecendo no cotidiano da sala de aula e das atividades escolares, eles têm um caráter

narrativo e reflexivo. O autor acredita que estudar o pensamento do professor ao longo da sua formação, pelos diários, conserva a sequência, a evolução e a atualidade dos dados da prática em educação.

O caráter narrativo dos diários diz respeito ao detalhamento da ação pedagógica, desde o planejamento da aula, sua aplicabilidade na sala, as observações percebidas ao longo do processo, no que tange ao aluno como ao que faltou ao planejamento, sentimentos e emoções. O caráter reflexivo corresponde aos dilemas que vão aparecendo no diário, requerendo inferências. (ZABALZA, 2004)

A principal contribuição do diário para as pesquisas sobre formação é possibilitar o desenvolvimento crítico do professor, nos aspectos pessoal e profissional, bem como permitir a análise de sua prática educativa, através do distanciamento do cotidiano, compartilhando com seus pares e/ou coordenador pedagógico. O diário é um instrumento significativo na formação do professor quando, segundo Zabalza (2004), se quer ter certo distanciamento da situação que está vivendo e o professor se torna ator, ou seja, sai de cena para falar, narrar sobre as experiências vivenciadas. Ao mesmo tempo, o diário possibilita esse distanciamento e a recuperação da objetividade da situação narrada.

Os diários trazem à investigação um componente dialético e ambivalente. Dialético e ambivalente, porque, por um lado, permitem um movimento, com certa flexibilidade, no âmbito dos conceitos e das técnicas, mas, por outro, tornam-se mais vulneráveis e exigem uma justificação dos diversos passos que se vão dando e das decisões que se vão adotando no seu desenvolvimento. (ZABALZA, 2004)

O diário também promove um forte envolvimento pessoal, uma vez que não se separa o profissional da dimensão humana, daí a importância dos momentos de supervisão e apoio pedagógico. Outro ponto significativo do diário para a prática e formação docente é a documentação das idéias, experiências, atividades e impressões sobre a realidade vivida, tornando-se objeto de pesquisa e análise.

É preciso ter claro que o diário não resolve problemas, mas possibilita analisar, discutir, reconhecer e buscar novos significados à prática do processo de ensino aprendizagem. Os diários se inserem no contexto investigacional dos documentos pessoais e autobiográficos (biografias, autobiografias, histórias de vida, cartas, relatórios, etc.), cuja relevância no estudo qualitativo das realidades humanas e sociais é, nos últimos anos, evidenciada por inúmeros trabalhos.

A investigação baseada em diários apresenta uma especificidade de objetivos, cuja formulação deverá ser clara e precisa, o ensino é uma atividade profissional reflexiva, o trabalho docente se clarifica através da verbalização oral e escrita. (ZABALZA, 2004)

Zabalza (2004) apresenta objetivos concretos para a investigação com diários. Estes objetivos referem-se à necessidade de situar os diários num contexto conceptual e metodológico dentro da perspectiva qualitativa, procurando enquadrá-los como documentos pessoais e do pensamento do professor, possibilitando explorar tanto o pensamento, como as ações e os dilemas dos professores diante da sua prática.

Os objetivos apresentados são claros quanto ao uso dos diários, em processos de pesquisa, pois precisam traduzir fielmente o pensamento e as experiências dos autores, possibilitando as análises e a interpretação por parte do investigador.

O trabalho com as narrativas, histórias de vida e diários de formação possibilitam o aprender numa dinâmica própria, onde as sensibilidades são expostas, valorizadas num quadro significativo de análises, oportunizando o professor conhecer a si, a sua prática, sua experiência e seu valor. Num processo reflexivo descobrir singularidades no que parecia coletivo e coletividade no que se apresentava como singular. Aceitar ser provocado pelo comum e potencializar competências antes não vislumbradas. A narrativa mais que uma metodologia de pesquisa, na esfera educacional, caracteriza-se como mecanismo de formação, aos que se permitem participar e viver o processo.

Considerações Finais

O professor é protagonista da sua história e do seu fazer profissional, mas durante muito tempo suas experiências não foram consideradas relevantes para o desenvolvimento de pesquisas na área da educação. As narrativas, através de diferentes instrumentos resgataram as vivências deste profissional atribuindo sentido e significado ao seu processo de formação.

As narrativas contribuem significativamente para a reflexão da prática e da formação tanto para os pesquisadores quanto para os pesquisados, pois as discussões advindas da pesquisa possibilitam reavaliar o percurso profissional e construir novas possibilidades de ações pedagógicas.

O exercício de se ouvir e ouvir o outro promove o movimento dialético, situado no contexto histórico e social de formação que oportuniza construir sentido e significado à sua experiência profissional.

Dentro dos diferentes instrumentos de construção de dados na pesquisa com narrativas, encontram-se os diários. Material rico em informações, impressões, sentimentos e possibilita uma análise qualitativa da subjetividade, da identidade profissional e da prática docente. Mas também contribui para o processo reflexivo do autor – o professor. Escrever o diário de aula pode ser um instrumento interessante para conhecer o professor e seus problemas, como afirma Zabalza (2004).

Assim, não temos a pretensão de esgotar a temática abordada, mas contribuir para que as narrativas se apresentem como um instrumento de pesquisa importante e que propicie o resgate das memórias e as histórias de vida dos profissionais envolvidos na pesquisa em educação.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de. **Historia: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ANDRÉ, M. Pesquisa em Educação: Trajetórias e desafios contemporâneos. In: IBIAPINA, M. I. L. de M.; CARVALHO, M. V. C. de. **Educação, práticas socioeducativas e formação de professores**. Teresina: EDUFPI, 2006.

BRAGANÇA, I. F. de S. História de vida e formação de professores/as: um olhar dirigido à literatura educacional. In: SOUZA, E. C. de; MIGNOT, A. C. V.(orgs.) **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet, 2008. p.

BRZEZINSKI, I. Profissão professor: identidade e profissionalização docente. In: BRZEZINSKI, I. (org.) **Profissão professor: Identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano Editora, 2002.

BUENO, B. O. et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 385-410, maio/ago.2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a13v32n2.pdf>>. Acesso em: 04 jul 2010.

BURNIER, S. et al. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.12, n. 35, p. 343-358, maio/ago.2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a13v1235.pdf>>. Acesso em 04.jul.2010.

CUNHA, M. I. da. **CONTA-ME AGORA!: AS NARRATIVAS COMO ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS NA PESQUISA E NO ENSINO.** *Rev. Fac. Educ.* [online]. 1997, vol.23, n.1-2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551997000100010&script=sci_arttext>. Acesso em 04.jul.2010.

FERREIRA, M. S. Quem narra diz. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 27, n. 13, p. 51-76. Set/dez. 2006.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia de método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: Cadernos de formação, 1988.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1996.

HESS, R. Momento do diário e diários dos momentos. In: SOUZA, E. C. de. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 89-103.

JOSSO, M. C. **Experiência de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores.** Porto: Porto Editora, 1992.

PIMENTA, S. G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. **Professor reflexivo no Brasil – gênese e crítica de um conceito.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, A. V. M. de. **Marcas de diferença: subjetividade e devir na formação de professores.** Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

SOUZA, E. C. de. Histórias de vida, escritas de si e abordagem experiencial. In: SOUZA, E. C. de; MIGNOT, A. C. V.(Orgs.) **Histórias de vida e formação de professores.** Rio de Janeiro: Quartet, 2008. p.

_____. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicos e formativos. . In: SOUZA, E. C. de. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 135-147.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional.** Porto Alegre: Artmed, 2004.